

DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO PÓS PANDEMIA: “RETRATOS DE DUAS EXPERIÊNCIAS EM UMA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE RONDONÓPOLIS-MT”

Wélida Katiane dos Santos Sousa Lima ¹

Josefa dos Santos Santana ²

Silvia Lopes Lino Witchwastyskis ³

Adriana do Carmo Marques ⁴

Maria Aparecida Pereira Carvalho ⁵

Renata da Penha Coelho Mata ⁶

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo desvelar práticas de alfabetização com as turmas do 2º ano do I Ciclo (Ensino Fundamental), realizado em uma Escola da Rede Municipal de Rondonópolis-MT dos anos iniciais, cujo as abordagens remetem à algumas indagações sobre o processo educativo e os desafios de alfabetizar os alunos pós pandemia. Sendo assim, a pesquisa situa-se na abordagem qualitativa apoiada no método (auto) biográfico quando adota como instrumento as narrativas de si com as quais buscamos evidenciar: quais os prejuízos acarretados no processo de ensino referentes a apropriação das práticas sociais de leitura e escrita pós pandemia e quais as estratégias elaboradas pelas professoras para a superação da não aprendizagem. Optou-se pela pesquisa qualitativa por seu caráter particular de relevância dos estudos sobre o processo de alfabetização, tornando-se uma relação dinâmica entre os sujeitos. Quanto ao uso das narrativas optou-se pela escrita desse gênero por acreditarmos que o ato de escrever fomenta a construção e a perspectiva de transformação, ao tornar-se pública e produzir conhecimento sobre o alfabetizar. A coleta dos dados foi realizada com duas profissionais da Rede Municipal de Rondonópolis - MT. O estudo realizado por meio das análises narrativas revelou a necessidade de repensar as propostas de currículo e abordagens metodológicas, criando assim, possibilidades e condições de aprendizagens que favoreçam o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, uma vez que a maioria das crianças da rede pública não frequentaram as aulas de forma presencial em anos anteriores.

Palavras-chave: Alfabetização, pandemia, ensino, aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Historicamente o processo de alfabetização no Brasil é marcado por um acentuado fracasso ao longo dos anos, mas que se agravou após o período pandêmico onde as escolas brasileiras não conseguiram atender de modo qualitativo a modalidade de ensino a

¹ Graduada do Curso Pedagogia da UNIVAG - MT, sousawell58@gmail.com;

² Graduado pelo Curso Pedagogia da Universidade Federal - MT, heitoramor@hotmail.com;

³ Graduada do Curso de Letras da Universidade Federal - MT, silviagabriele@hotmail.com;

⁴ graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade UNIVAG – MT, adriana-cm1@hotmail.com;

⁵ Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal - MT, aparmtpereira@gmail.com;

⁶ Professor orientador: Mestranda, Faculdade UFR - MT, renata_penha_mata@hotmail.com;

distância, principalmente em processo inicial de alfabetização em que notoriamente acentuou o número de crianças não alfabetizadas.

Assim, considerando os impactos das dificuldades apresentadas pelas unidades de ensino e pelos professores nesse período de ensino a distância, o uso muitas vezes precário das tecnologias e a falta de intervenções presenciais com as crianças em processo inicial de alfabetização e letramento acarretaram diversas consequências no ensino, sendo necessário a retomada, a busca e um repensar em métodos diferenciados capazes de reverter os casos de não aprendizagem dos alunos.

Para Morais; Albuquerque, 2007, p.15:

Alfabetização é o processo de aquisição da tecnologia escrita, isto é do conjunto de técnicas – procedimentos, habilidades necessárias para a prática de leitura e da escrita: as habilidades de codificação de fonemas em grafemas e de decodificação de grafemas em fonemas, isto é o domínio do sistema de escrita. (MORAIS; ALBUQUERQUE, 2007, p.15)

Neste contexto, compete ao professor alfabetizador compreender que a alfabetização precisa oportunizar ao aluno um conhecimento de natureza conceitual, onde este compreenda além da representação gráfica da escrita, mas que, ela representa graficamente a linguagem.

Ferreiro (1996, p.47) afirma que “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior a escola e que não termina ao finalizar a escola primária”. O que nos remete o pensamento que a alfabetização não ocorre em um momento isolado da vida escolar, pois a criança ao iniciar seu processo de escolarização já leva consigo um arsenal de conhecimentos que adquiriu desde a sua inserção no mundo. Como podemos observar também na afirmação de Dantas:

A criança desde o início de sua vida está em constante e profunda transformação. Inicialmente as respostas das crianças são dominadas por processos naturais e é através dos adultos que os processos psicológicos mais complexos tomam forma. Dessa forma, a aprendizagem da criança inicia-se muito antes de sua entrada na escola, isto porque, ela já está exposta desde o primeiro dia de vida a aos elementos do seu sistema cultural, e a presença do outro se torna indispensável para a mediação entre a aluna e a cultura. (DANTAS, 1990, p.12).

Ante ao exposto, a relação entre a criança e um alfabetizador muito dificilmente pode ser substituída por um adulto não formado para essa ação educativa, pois as relações sociais da criança formulam o funcionamento da língua falada e escrita.

Assim, no contexto atual a escola encontra-se no desafio de propiciar aos alunos condições para aprenderem a ler e escrever em período pós pandêmico, tempos estes em que, a maioria dos alunos em processo de alfabetização não frequentaram as aulas presenciais a quase dois anos, acarretando um grande prejuízo no processo ensino e aprendizagem.

Neste sentido, a escola precisa pensar em estratégias que viabilizem a reconstrução do planejamento escolar/currículo para que de fato possa superar a lacuna aberta com a oferta do ensino remoto e a questão da não aprendizagem na alfabetização das crianças. Podemos então inferir que a alfabetização se constitui em uma etapa primordial nos anos iniciais do ensino que aliada ao letramento facilitará a efetuação eficaz do ensino e da aprendizagem no qual tem por objetivo que os alunos desenvolvam a leitura e escrita.

De acordo com Soares citada por Morais e Albuquerque (2007, p.47):

Alfabetizar e letrar são ações distintas, mas inseparáveis do contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse ao mesmo tempo alfabetizado e letrado. (SOARES APUD MORAIS E ALBUQUERQUE 2007, p.47)

Deste modo, alfabetizar letrando requer do aluno uma atividade reflexiva que vai além de decodificar as palavras, eles devem compreender o uso social da escrita.

Nesta perspectiva, a pesquisa tem por objetivo revelar quais os desafios da alfabetização em tempos de pandemia referentes a apropriação das práticas sociais da leitura e escrita e quais as estratégias utilizadas pelas professoras para recompor as aprendizagens.

A pesquisa com abordagem qualitativa desenvolveu-se em uma escola da Rede Municipal de Rondonópolis, com duas professoras onde narram seus enfrentamentos ante aos desafios da alfabetização sob diferentes percursos.

METODOLOGIA

De abordagem qualitativa, buscou-se por meio das narrativas das duas professoras alfabetizadoras, compreender quais os desafios da alfabetização em tempos de pandemia referentes a apropriação das práticas sociais da leitura e escrita e quais as estratégias utilizadas pelas professoras para a superação da não aprendizagem. Optou-se pela investigação qualitativa por seu caráter interativo que segundo Ludke e André (2013)

supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com a sua fonte direta de dados. Apoiada no método autobiográfico, adota como instrumento as narrativas, que conforme Nóvoa e Finger (2010) são vias passíveis de produzir conhecimento e aprofundamento teórico sobre a formação do humano. Rocha e André (2010), afirmam que esses instrumentos se constituem em ricos documentos provenientes das reflexões sobre as concepções construídas na trajetória de formação dos sujeitos.

Foram sujeitos da pesquisa duas professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental, identificadas na pesquisa como Prof^a 1: Margarida, Prof^a 2: Hortência, de uma escola Pública Municipal, na cidade de Rondonópolis - MT.

Os dados obtidos por meio das narrativas foram produzidos a partir de um roteiro a saber:

1- Quais os prejuízos acarretados no processo de ensino referentes a apropriação das práticas sociais de leitura e escrita pós pandemia?

2- Quais as estratégias utilizadas para a superação da não aprendizagem?

Ante ao exposto, trazemos a I narrativa das professoras sobre quais os prejuízos acarretados no processo de ensino referentes a apropriação das práticas sociais de leitura e escrita pós pandemia, que pontuaram:

Sabemos que o ensino remoto não conseguiu suprir muitas das práticas que acontece no âmbito da escola, pois a criança aprende por diferentes formas e principalmente na interação com o outro. Diante de tantos desafios que enfrentamos hoje, considero o processo de leitura e escrita como um dos que mais acarretaram prejuízos às crianças, hoje recebemos crianças de todas as idades que não estão alfabetizadas e pior que isso não conhecem as letras, infelizmente as famílias não deram conta desse papel e os prejuízos maiores são das crianças que por vários motivos não conseguiram compreender o processo de leitura e escrita. As crianças parecem que ficaram estagnadas e hoje demonstram muitas dificuldades de leitura e escrita. (narrativa- prof 1 Margarida-2022).

A professora Margarida traz em sua narrativa, conhecimentos sobre a alfabetização e as dificuldades que os professores vêm enfrentando durante o período pós pandêmico, acentuando principalmente o papel das famílias em ter assumido o processo de aprendizagem em período pandêmico e que não conseguiram mediar os conhecimentos e habilidades necessárias para a aprendizagem de seus alunos. Concomitante a isto, temos hoje uma realidade avassaladora de crianças que ainda não compreenderam o processo de leitura e escrita ou até mesmo apresentam dificuldades em conhecer as letras.

Com relação aos prejuízos acarretados no processo de ensino referentes a apropriação das práticas sociais de leitura e escrita pós pandemia, Hortência, pontuou:

Para contornar os prejuízos no processo de aprendizagem dos estudantes, muitas redes de Ensino optaram pelo ensino não presencial. No entanto, as aulas online e internet de boa qualidade não é realidade de todas as escolas brasileiras. Sendo assim, a atual pandemia veio acrescentar novos desafios, afastando as crianças das escolas e das alfabetizadoras na fase fundamental do processo ensino e aprendizagem. Infelizmente hoje estamos vivenciando a pura realidade. (narrativa-Prof 2: Hortência-2022).

A professora Hortência apresenta algumas problemáticas do ensino remoto, em que, nem todas as famílias tinham acesso à internet e outras não tinham condições de acompanhar o processo de ensino por meio de apostilas.

Denota ainda, que a falta do contato das crianças com um professor alfabetizador, principalmente na fase inicial do processo de alfabetização prejudicou os avanços destes na aprendizagem. Sendo assim, é fundamental que toda que equipe escolar busque parcerias qualificadas para superar as dificuldades apresentadas no processo de alfabetização, pois a escola deve ultrapassar a barreira de ofertar aos alunos apenas os conhecimentos formais, mas também toda vivência histórica, cultural e social que a humanidade construiu por séculos.

Por conseguinte, no que se refere às estratégias utilizadas para a superação da não aprendizagem, assim pontuaram:

Na intenção de suprir aquilo que foi devastado pela pandemia o grande desafio hoje é encontrar a estratégia ideal para tentar suprir esta deficiência. Acredito muito na utilização das metodologias ativas com a utilização de jogos, pois está dentro do campo de interesse das crianças, e eles aprendem mais com aquilo que aguça a sua satisfação, favorecendo o protagonismo. (narrativa-Prof 1 Margarida-2022).

Diante dos novos rumos das práticas pedagógicas em período pós pandêmico, a professora Margarida enfatiza e acredita no trabalho com as metodologias ativas, que, para ela proporciona o aprender a aprender centrando-se na pedagogia crítica, reflexiva e interativa. Versado de que, essas metodologias baseiam-se na produção do conhecimento por meio da reflexão-ação, colocando os estudantes em um contexto prático e protagonista do seu desenvolvimento.

Neste sentido, Ribeiro (2005), salienta que: “A experiência indica que a aprendizagem é mais significativa com as metodologias ativas de aprendizagem.”

Propondo ainda que “os alunos que vivenciam esse método adquirem mais confiança em suas decisões e na aplicação do conhecimento em suas práticas”.

Ante o exposto, o professor como mediador do processo de aprendizagem não pode perder de vista qual a meta que pretende alcançar, levando em consideração a atual conjuntura em que se encontra os alunos em fase inicial de alfabetização e a emergência da recomposição das aprendizagens destes, aproveitando o tempo utilizado em sala de aula.

A professora Hortência, pontua:

No primeiro momento realizei um diagnóstico com a turma, onde pude detectar em quais níveis de aprendizagem esses alunos encontravam-se. Posteriormente realizei uma reestruturação do planejamento, uma vez que, com os diagnósticos pude observar que muitos alunos não tinham habilidades necessárias para o ano de escolaridade. Em seguida, tenho buscado trabalhar metodologicamente com materiais concretos que é de grande importância para o processo de alfabetização. É muito importante também tornar o material didático mais acessível para todos os alunos, desenvolver pequenos projetos e outros. (narrativa-Prof 2: Hortência-2022).

Em sua narrativa, a professora relata em sua prática de ensino sobre a importância da avaliação diagnóstica para realizar fielmente as suas intervenções pedagógicas, e uma possível reestruturação do planejamento para que atenda as especificidades de sua turma.

Hoffmann, 2008, p.161, pontua:

A avaliação é uma atitude ética e, como tal, nos envolve como seres humanos. Tomamos as decisões em sala de aula a partir do que somos e do que sabemos, porque avaliar revela nossas posturas diante da vida. Para além de julgar, avaliar é ver, refletir e agir em benefícios aos estudantes. (HOFFMANN, 2008, p.161)

Ante a este relato, temos a concepção de que o ato de avaliar vai muito além das notas e conceitos, ela favorece uma análise das aprendizagens dos alunos e, a partir desta, podemos traçar melhorias para a recomposição da aprendizagem dos alunos, analisar a metodologia utilizada e avançar quanto aos objetivos de aprendizagem.

Para tanto, preparar o ambiente escolar em alfabetizador é uma tarefa emergente de qualquer unidade de ensino que possui uma intencionalidade pedagógica clara. E que aliado a um conjunto de práticas pedagógicas, principalmente com a utilização dos jogos, que faz parte de um dos campos de interesse da criança, contribuirá para uma aprendizagem significativa.

Para Silveira, 1998.p.02:

(...) os jogos podem ser empregados em uma variedade de propósitos dentro do contexto de aprendizado. Um dos usos básicos e muito importantes é a possibilidade de construir-se a autoconfiança. Outro é o incremento da motivação (...) um método eficaz que possibilita uma prática significativa daquilo que está sendo aprendido. Até mesmo o mais simplório dos jogos pode ser empregado para proporcionar informações factuais e praticar habilidades, conferindo destreza e competências. (SILVEIRA, 1998. p.02)

Assim, por meio do jogo o aluno demonstra participação ativa vivenciando a construção de seu próprio conhecimento consciente, envolvendo a percepção, o afeto, pensamento, imaginação e autoestima. No entanto, o professor não poderá perder o foco dos seus objetivos, traçando metas que garantam aos alunos diversas possibilidades de aprendizagens significativas que respeite as necessidades básicas neuropsicológicas da criança como indivíduo ativo e social.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para a elaboração do artigo tivemos como referenciais os princípios fundamentados em: **Ferreiro (1996)** quando afirma que a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior a escola e que não termina ao finalizar a escola primária; **Moran (2013)**, trazendo-nos os pressupostos de ampliação dos espaços de aprendizagem; **Dantas (1990)** que a criança já está exposta desde o primeiro dia de vida a aos elementos do seu sistema cultural, e a presença do outro se torna indispensável para a mediação entre aluno e a cultura. **Ludke e André (2013)** quando supõem o contato direto e prolongado do pesquisador com a sua fonte direta de dados; **Ribeiro (2005)** quando afirma que a aprendizagem é mais significativa com as metodologias ativas de aprendizagem; **Soares citada por Morais e Albuquerque (2007)** que alfabetizar letrando favorece o desenvolvimento das práticas sociais de leitura e escrita; **Hoffmann (2008)**, afirmando que a avaliação é uma atitude ética; **SILVEIRA (1998)**, trazendo o jogo como um dos recursos básicos para a construção da autoconfiança e autonomia do aluno; **Gadotti (2000)** abordam sobre o papel da escola e do professor em propiciar condições para aprendizagem das crianças. **Paulo Freire (1989)** a leitura do mundo procede a leitura da palavra; **Vygostsky (1998)** fundamenta nosso pensar sobre o sujeito como sendo produto do seu meio social; **Vasconcelos (2002)** fomenta que planejar é antecipar mentalmente uma ação ou um conjunto de ações a serem realizadas, é agir de acordo como o previsto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observou-se por meio da pesquisa que as professoras, mesmo em um momento tão desafiador para a escola, compreendem que o processo de alfabetização requer a utilização de metodologias diferenciadas com intencionalidade pedagógica e um olhar individualizado às especificidades de cada aluno, mapeando e trabalhando as habilidades não adquiridas para a recomposição das aprendizagens das crianças.

Nesta perspectiva, Paulo Freire (1989) afirma que “a leitura do mundo procede a leitura da palavra”. Ou seja, para o educador a escola deve sempre proporcionar ações para que o aluno possa ser o centro do processo de aprendizagem, respeitando acima de tudo a realidade a qual está inserido.

Com essa afirmação Paulo Freire revela que os alunos precisam aprender na escola consciência de mundo, dentro de uma prática concreta de libertação e construção da história.

Em Vygotsky (1998) temos os pressupostos que o ser humano não é só um produto do seu contexto social, mas também é um agente ativo na criação desse contexto. Portanto, a aprendizagem acontece por meio da comunicação e interação entre os diferentes sujeitos que aliada a utilização de práticas motivadoras favorece a construção do conhecimento.

Assim, os objetivos evidenciados na pesquisa em quais os prejuízos acarretados no processo de ensino referentes a apropriação das práticas sociais de leitura e escrita pós pandemia e quais as estratégias utilizadas pelas professoras para a superação da não aprendizagem, constatou-se que o uso das metodologias ativas com enfoque na gamificação favorece o desenvolvimento de habilidades necessárias para a superação da não aprendizagem tão acentuada nos estabelecimentos de ensino em pós pandemia.

Deste modo, observamos que as metodologias ativas podem ser entendida como uma aprendizagem significativa, onde os alunos aparecem como protagonistas de sua aprendizagem, favorecendo a problematização, reflexão-ação e ressignificação de novas descobertas, reafirmando assim, a premissa de que o processo de ensino precisa estar vinculado a prática.

Contudo, podemos evidenciar que as professoras entrevistadas percebem e vivenciam o período crítico que se encontra a alfabetização, refletindo sobre seus planejamentos e no quanto se faz necessário um olhar diferenciado, reflexivo e atento, para a questão da não aprendizagem durante este período pandêmico e a reestruturação de uma

nova proposta de ensino visto que, ambas se propuseram a realizar um trabalho que de fato incentive a criança a desenvolver-se e apropriar-se de habilidades tão necessárias para sua leitura e compreensão de mundo.

Para Vasconcelos (2002), planejar é “antecipar mentalmente uma ação ou um conjunto de ações a serem realizadas, é agir de acordo como o previsto”. Afirma ainda que “planejar não é algo que se faz antes de agir, é também agir em função daquilo que se pensa”.

Em síntese, podemos afirmar que o planejamento norteia nossas ações a partir de um contexto, que leva em consideração os aspectos políticos, sociais, econômicos, culturais, entre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente ao exposto, os professores não podem manter-se isolados desse processo de transformação das propostas educativas, que os desafia a “aprender a aprender” lidar com as questões de não aprendizagem, provocar, orientar e mediar os processos educativos almejando desenvolvimento dos alunos no processo de leitura e escrita.

A esse respeito, em Gadotti (2000) encontramos orientações de que a escola precisa criar mecanismos para orientar criticamente as crianças na busca de informações que as façam crescer, preocupando-se com a formação dos sujeitos ativos no seu contexto histórico. Assim, a escola deve estar atenta principalmente com as situações de aprendizagem, visto que é responsabilidade dela garantir que propostas de ensino se efetive independentemente de período pandêmico ou não.

Somos conhecedores que o processo de alfabetização no Brasil em sua trajetória perpassa por bons e maus momentos e que na atualidade a recomposição da aprendizagem dos alunos emerge um olhar sensível de toda unidade e uma reestruturação das propostas metodológicas e até mesmo políticas. Uma vez que, os governantes não podem se eximir da problemática que aflige a educação brasileira.

Neste contexto, é preciso criar mecanismos de políticas públicas voltadas para qualificação profissional, formação docente e a oferta e manutenção de programas de alfabetização que auxiliem o professor a reverter o cenário da não aprendizagem e potencializar as aprendizagens dos alunos.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, A.M.C. et.al. (org). **Brincadeira e Cultura: Viajando pelo Brasil que brinca**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.]
- DANTAS, Heloysa. **A infância da razão**. São Paulo: Editora Manole. 1990.
- FERREIRO, Emília. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1966.
- FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler**. São Paulo: Editora Cortez, 1989.
- GADOTTI, Moacir. **Perspectivas Atuais da Educação**. São Paulo em Perspectivas, 2000.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliar: respeitar primeiro, educar depois**. Porto Alegre: mediação 2008.
- MORAN, José Manuel. **Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias**. 2004. Disponível em <http://www.ufrgs.br/nucleoad/documentos/moranOs novos.htm>. Acesso em 28 de abr. de 2018.
- MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. Alfabetização e Letramento. **Construir Notícias**. Recife, PE, v.07 n.37, p.5-29, nov/dez, 2007.
- NÓVOA, Antonio. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, Instituto de inovação Educacional, 1992.
- NÓVOA, Antonio. Finger, Mathias (orgs). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.
- RIBEIRO, Luis Roberto de Camargo. **A aprendizagem baseada em problemas (PBL): uma implementação da Educação na engenharia** 2005. 236 p. Tese (programa de pós graduação em Educação- Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP, 2005.
- VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Planejamento: Plano de Ensino- aprendizagem e projeto educativo- elementos metodológicos para a elaboração e realização**. São Paulo: Libertad, 2002.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Livraria Martins, ed. LTDA, 1998.